

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA



LAURA PIZZUTTI BEULCK

***UM TETO TODO SEU NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO***

**Alegrete
2021**

LAURA PIZZUTTI BEULCK

***UM TETO TODO SEU NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa (EaD) da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Luciana Abreu Jardim

**Alegrete
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

B567 Beulck, Laura Pizzutti

Um teto todo seu na experiência literária de Conceição Evaristo / Laura Pizzutti Beulck. – 2021.

41 f.

Orientador: Luciana Abreu Jardim.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Letras - Habilitação Português/Literaturas, Campus Jaguarão, 2021.

1. Um teto todo seu. 2. Espaço de escrita. 3. Conceição Evaristo. 4. Escrivência I. Jardim, Luciana. II. Um teto todo seu na experiência literária de Conceição Evaristo.

LAURA PIZZUTTI BEULCK

***UM TETO TODO SEU NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO***

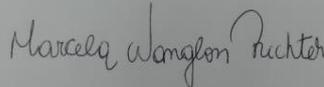
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa (EaD) da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 5 de maio de 2021.

Banca examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. Luciana Abreu Jardim
Orientadora
(UNIPAMPA)



Prof^ª. Dr^ª. Marcela Wanglon Richter
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Rodrigo da Rosa Pereira
(FURG)

AGRADECIMENTOS

À minha família, mãe, irmãs e avós, pelo suporte e a acolhida em todos os momentos.

Ao meu namorado, Eduardo, por estar sempre presente, apoiando, elogiando, imprimindo e encontrando livros pra mim, nesses quatro anos, que iniciaram praticamente ao mesmo tempo que o curso de Letras.

Às minhas amigas de longa data, por compartilharem sempre boas conversas, sérias ou engraçadas, mas tão importantes, ainda mais nesses tempos pandêmicos. O afastamento físico nunca foi um problema pra nós, mas sinto falta do nosso “gralhado” reunido, quando só dependia da nossa disponibilidade.

Às amigas literárias, que felizmente sempre existiram na minha vida e me possibilitam ótimas trocas. Inclusive, uma delas me presenteou com “Um teto todo seu”, acompanhado de uma bela dedicatória e escolhido a dedo em meio a uma vasta lista que compartilhei dos livros que eu gostaria.

Ao curso de Letras e o corpo docente, por me proporcionarem um recomeço em uma segunda graduação.

À professora Luciana, minha orientadora, que me possibilitou ingressar no grupo de extensão e pesquisa sobre literatura, tendo a oportunidade de ser bolsista em 2020 e submeter trabalhos para eventos. Agradeço por toda a orientação durante o desenvolvimento do TCC, sempre incentivando o melhor de mim. Apesar do momento que vivemos, tudo ocorreu da melhor forma possível e eu não poderia ter tido uma orientadora melhor dentro dessa proposta de trabalho.

Aos colegas e amigos que ganhei no grupo de extensão e pesquisa, que propiciam os melhores encontros pelo Google Meet, fazendo com que o tempo passe rápido, sempre com boas interações que nos fortalecem a continuar nessa caminhada.

Por fim, à UNIPAMPA, que desde 2012 me possibilita uma educação pública, gratuita e de qualidade, e isso tem relação direta com a minha formação não só profissional, mas também como pessoa.

“Tranque as bibliotecas, se quiser; mas não há portões, nem fechaduras, nem cadeados com os quais você conseguirá trancar a liberdade do meu pensamento.”

(Virginia Woolf)

“– Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertaram na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos.”

(Conceição Evaristo)

RESUMO

O presente estudo possui o propósito de entrelaçar a caracterização de espaço dada por Virginia Woolf na obra *Um teto todo seu* (1929), com a experiência literária de Conceição Evaristo. Com isso, tem-se o título: *Um teto todo seu na experiência literária de Conceição Evaristo*. O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é propor reflexões sobre a possibilidade de reconhecimento da categoria espaço na atividade de escrita de Conceição Evaristo. E os objetivos específicos são: retornar à herança de Virginia Woolf para pensar sobre o reconhecimento da categoria espaço e refletir sobre o espaço de escrita na proposta de Conceição Evaristo, reconhecendo a herança conceitual de suas *escrevivências*. A metodologia consiste nas leituras prévias das obras escolhidas para estudo, *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, e *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, bem como, fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica sobre a relevância do espaço de escrita, através de outros ensaios de Virginia Woolf, de entrevistas concedidas pela escritora Conceição Evaristo e de artigos que versam sobre a temática do espaço. Considero que na literatura de Conceição Evaristo, o espaço físico deixa rastros que são identificados por meio da *escrevivência*, que, nesse sentido, pode ser apresentada como um lugar que engloba a ancestralidade, memórias, crenças e costumes. Ousar pesquisar e aproximar as escritas de duas autoras de épocas, geografia e origens distintas, me parece importante para construir uma reflexão de forma a abrir fronteiras estreitas e que nem sempre estiveram evidentes na literatura.

Palavras-Chave: Um teto todo seu. Espaço de escrita. Conceição Evaristo. Escrevivência.

ABSTRACT

The present study has the purpose of intertwining the characterization of space given by Virginia Woolf in the work *A Room of One's Own* (1929), with the literary experience of Conceição Evaristo. With that, we have the title: *A Room of One's Own in the literary experience of Conceição Evaristo*. The general objective of this course conclusion work is to propose reflections on the possibility of recognizing the space category in Conceição Evaristo's writing activity. And the specific objectives are: to return to Virginia Woolf's heritage to think about the recognition of the space category and reflect on the writing space in Conceição Evaristo's proposal, recognizing the conceptual inheritance of her registries (“*escrevivências*”). The methodology consists of the previous readings of the works chosen for study, *A Room of One's Own*, by Virginia Woolf, and *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo, as well as, it is based on qualitative research of bibliographic review on the relevance of the writing space, through other essays by Virginia Woolf, interviews given by the writer Conceição Evaristo and articles that deal with the theme of space. I consider that in Conceição Evaristo's literature, the physical space leaves traces that are identified through the clerk (“*escrevivência*”), which, in this sense, can be presented as a place that encompasses ancestry, memories, beliefs, and customs. Dare to research and bring together the writings of two authors from different eras, geography, and origins, it seems to be important to build a reflection to open narrow borders and that was not always evident in the literature.

Keywords: *A Room of One's Own*. Writing space. Conceição Evaristo. *Escrevivência*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	A relevância do espaço de escrita	11
2.2	Um caminho para o teto de Conceição	23
3	METODOLOGIA.....	33
4	DISCUSSÃO DA PESQUISA	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

No século XX, a escrita feminina passou a consolidar-se, rompendo a exclusividade da autoria masculina e conquistando seu espaço na literatura. Os estudos de gênero contribuíram de forma indiscutível para que as mulheres saíssem da invisibilidade, como nos diz Tedeschi (2016), “a ‘improdutividade’ das mulheres nas narrativas históricas não pode ser avaliada sem a procura pelos aspectos que fundamentaram o imaginário social na história” (TEDESCHI, 2016, p. 154). Assim, a escritora inglesa Virginia Woolf (1882 – 1941) “pôde expressar através da literatura a tomada de consciência sobre a condição feminina” (PACHECO, 2016, p. 143).

Woolf aproveitou a excepcional liberdade intelectual que lhe fora concedida por seu pai para criticar o valor do matrimônio, a condição feminina e a opressão da mulher. Reivindicava a emancipação da mulher, mostrando o quanto a dominação de uma sociedade patriarcal havia impedido o desenvolvimento individual das mulheres, relegando seus protagonismos apenas à esfera das tarefas domésticas (PACHECO, 2016, p. 143).

A escolha da obra *Um teto todo seu* (1929) deve-se ao fato de ser um significativo e instigante ensaio que contribui para que possamos entender a presença feminina na literatura ao longo do tempo. Nessa obra, a partir de uma pesquisa que atravessa os anos, Virginia Woolf discorre de forma autêntica e inovadora sobre o que condiciona e limita uma mulher a desenvolver sua escrita. Com sua contribuição, Virginia Woolf enaltece as escritoras do passado e incentiva as futuras gerações a trabalhar e construir sua vida a partir deste legado. As ideias presentes no texto de Virginia Woolf quase que obrigam a voltar às páginas mais de uma vez para esmiuçar sua tese, a fim de nos questionar sobre suas argumentações até percebermos como a autora demonstra ser uma visionária ao relacionar espaço e escrita.

Tendo em vista essa concepção, busco direcioná-la à escritora brasileira Conceição Evaristo, que detém uma importante voz feminina afro-brasileira e suas obras tratam sobre as dinâmicas que tornam a ascensão social e profissional tão difícil para negros no Brasil. Como ela mesmo afirma em uma entrevista concedida em 2018: “Há toda uma herança histórica do povo negro presente no meu texto como memória, retomando alguns fatos, ou como acontecimentos do cotidiano” (EVARISTO, 2018). De acordo com Pereira (2016), “no caso das mulheres negras, a ideologia racista será responsável por uma dupla exclusão: de gênero e étnico-racial. Soma-se a isso ainda a exclusão de classe, grandemente associada à população afro-brasileira” (PEREIRA, 2016, p. 74). Em face disso, considero que pesquisar sobre o espaço

na experiência literária de Conceição é um fator importante para o entendimento de suas *escrevivências*.

Diante dessa perspectiva, penso que a literatura não se projeta sozinha, mas ancorada em movimentos sociais mundo afora e por isso se faz necessário pesquisar como autoras conquistaram espaços em variados contextos de vivências. Nessa proposta de análise, investigo como algumas ideias de espaço que Virginia Woolf desenvolveu estão presentes também nas experiências de Conceição Evaristo, visto que a necessidade de espaço é universal, mas certamente deve-se levar em conta a jornada individual de cada escritora na literatura. Destaco as palavras de Conceição Evaristo, ao falar sobre a escrita de mulheres negras:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 20-21).

Assim, o presente trabalho possui o propósito de entrelaçar a caracterização de espaço dada pela autora com a experiência literária de Conceição Evaristo, considerando o seu conceito de *escrevivência*, desenvolvido sobretudo no romance *Becos da memória* (2006). Com isso, tem-se o título: *Um teto todo seu na experiência literária de Conceição Evaristo*, que se justifica por meio dos diálogos sugeridos entre duas autoras, tão diferentes à primeira vista, a fim de apresentar a problemática do espaço de escrita como um objeto de estudo, com uma retomada do passado, através de Virginia Woolf, abrindo-se a uma abordagem contemporânea afro-brasileira por meio de Conceição Evaristo.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é propor reflexões sobre a possibilidade de reconhecimento da categoria espaço na atividade de escrita de Conceição Evaristo. E os objetivos específicos são: retornar à herança de Virginia Woolf para pensar sobre o reconhecimento da categoria espaço e refletir sobre o espaço de escrita na proposta de Conceição Evaristo, reconhecendo a herança conceitual de suas *escrevivências*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO DE ESCRITA

Neste primeiro momento, visando destacar a importância da escrita, escolho Olson (1997), no livro *Cultura escrita e oralidade*, pois o autor aborda os aspectos da cultura escrita desde as consequências do seu surgimento, afirmando que a escrita “contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos” (OLSON, 1997, p. 13). Concordando com Olson, penso que a escrita permite um sentimento de pertencimento, com o poder de preservar memórias e ligar quem escreve a quem lê em meio a diferentes contextos de espaço-tempo. Assim, o ato de escrever consolidou-se como um método para ultrapassar obstáculos que causam distanciamentos sociais, de forma a desenvolver papéis em uma sociedade e propiciar um lugar de identificação.

Para entrelaçar o discurso sobre escrita fundamentado por Olson (1997), encontro nas palavras de Conceição Evaristo uma relação existente entre escrita e espaço, no qual a autora afirma: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2017, p. 17). Nota-se que Virginia Woolf escreve algo que antecipa a reflexão de Evaristo, ainda que em outro contexto: “[...] para a mulher, pensei, olhando para as prateleiras vazias, essas dificuldades eram infinitamente mais desconhecidas. Em primeiro lugar, ter um espaço próprio, que dirá um espaço silencioso ou à prova de som, estava fora de questão [...]” (WOOLF, 2014, p. 77). Em face dessas passagens, encontradas nas obras *Becos da memória*, de Conceição Evaristo e *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, tem-se o entrelaçamento e também o desafio deste trabalho, que consiste em abordar autoras tão diferentes, de épocas e origens distintas.

Diante disso, é possível investigar aspectos da condição e concepção da atividade da escrita a partir da relevância do espaço. Para esse caminho escolho Zabalza (1998, p. 232) que, no livro *Qualidade em Educação Infantil* especifica o espaço físico como o local de realização de atividades, sendo caracterizado por materiais, decoração, objetos e móveis que o compõe. Já o ambiente, por sua vez, é representado por todo o conjunto presente nesse espaço físico, bem como pelas relações que são estabelecidas no seu interior. Assim, refletimos que o espaço físico serve não apenas como aliado para o exercício de uma habilidade, mas como fator determinante para que essa habilidade seja colocada em prática de maneira satisfatória. Como o espaço é uma necessidade universal, torna-se importante entender o contexto da habitação na vida de quem escreve.

A busca por abrigo não é apenas uma necessidade, mas também uma exigência cultural (OLIVEIRA, 1982, p. 52). E penso que a habitação atua de forma direta na manutenção do bem-estar do indivíduo. Podemos exemplificar a situação com a escassez de espaço em uma moradia, de forma a prejudicar a saúde dos demais quando há um enfermo precisando isolar-se. Logo o espaço físico se apresenta como fator imprescindível para a preservação da vida. Além disso, a falta de um local ideal para que uma pessoa possa direcionar sua concentração ao trabalho e ao estudo, bem como não dispor de materiais essenciais, pode acarretar mau aproveitamento do seu tempo e um baixo rendimento de suas atividades. Contudo, Oliveira (1982), ao escrever sobre habitação, nos fala que “a habitação é um bem de consumo mediatizado pelo dinheiro” (OLIVEIRA, 1982, p. 52).

Segundo Oliveira (1982), “para manter e desenvolver a sua força de trabalho, o homem necessita abrigar-se. O tipo de abrigo varia segundo a época histórica considerada, segundo as condições econômico-materiais da sociedade” (OLIVEIRA, 1982, p. 52). Assim, é possível pensar que a habitação se torna fundamental para reproduzir o trabalho, estando ainda relacionada com o comportamento do ser humano, pois sem a possibilidade de privacidade há chances de o indivíduo desenvolver “um comportamento repressivo e reprimido” (OLIVEIRA, 1982, p. 52). Essas considerações socioeconômicas me parecem imprescindíveis para as reflexões em torno do espaço e sua associação com a escrita.

Diante da proposta de abordar o espaço físico como um elemento a ser considerado para o exercício da escrita, utilizou-se como referência o livro *Um teto todo seu* (1929), da escritora inglesa Virginia Woolf (1882 – 1941). A obra divide-se em seis capítulos, no quais em certos momentos Virginia volta ao passado como uma tentativa de responder às questões propostas por ela no seu tempo. *Um teto todo seu* apresenta a personagem e narradora Mary Seton, que procura demonstrar a percepção de uma mulher ao visitar uma universidade na Inglaterra, com o propósito de entender como as mulheres conseguiam escrever no passado, como poderiam escrever no presente e quais as perspectivas para o futuro. Ilustro com palavras da autora um trecho do primeiro capítulo: “Sentada às margens de um rio há uma ou duas semanas no clima agradável de outubro, perdida em meus pensamentos” (WOOLF, 2014, p. 13).

A partir desse contexto, a escritora exerce de maneira hábil, o drama de articular suas reflexões sobre mulheres e ficção. Virginia estabelece um parâmetro entre as oportunidades desiguais para homens e mulheres: tanto nas questões relacionadas à economia, como em cultura e educação. No intuito de discutir como a sociedade molda a liberdade de pensamento das mulheres, a autora justifica o porquê da maioria delas manterem-se afastadas das produções literárias. Argumentando que a falta de dinheiro e espaço próprio são fatores que limitam a

ascensão da escrita feminina: “Os cachorros vão latir; as pessoas vão interromper; o dinheiro precisa ser ganho; a saúde vai sucumbir” (WOOLF, 2014, p. 76-77).

John Lehmann, em *Vidas Literárias – Virginia Woolf* (1989), comenta sobre o ensaio da autora:

Virginia admite a gradativa erosão da desigualdade e do preconceito em seu próprio tempo, mas insiste que há ainda um longo caminho pela frente e que a ideia da inferioridade da mulher ainda está profundamente enraizada na mente dos homens. Reivindica especificamente que ‘uma mulher tem que ter dinheiro e um teto próprio se quiser escrever ficção’, e argumenta com a mais extraordinária força e com exemplos os mais reveladores e ilustrativos. [...] Não trata, porém, apenas da condição da mulher, mas também da inteligência criadora, da natureza do gênio e da condenação do fascismo (LEHMANN, 1989, p. 66).

Ao longo da vida, a escrita e as formas de espaço tiveram papel vital para a ficcionista Virginia Woolf, pois sua existência foi marcada por caminhos tortuosos, nos quais perdas e traumas tiveram forte presença em suas criações literárias, como a primeira grande crise, aos 13 anos, que se deu pela morte da mãe, descrita por ela como “o maior desastre que poderia ter acontecido” (LEHMANN, 1989, p. 12). Em *Um esboço do passado* (2020), Virginia teoriza sobre a sua escrita, dizendo: “[...] a capacidade de receber choques é o que me faz escrever” (WOOLF, 2020, p. 26-27). Por meio da escrita, Virginia Woolf sentia-se viva, porém, quando não conseguia encontrar sentido nas palavras, entrava em desespero, já tendo ficado acamada após enviar um romance para publicação. A escritora italiana Nadia Fusini (2006), ao escrever a biografia *Sou dona da minha alma – o segredo de Virginia Woolf*, conta que Virginia, para evitar se expor à aceitação alheia, juntamente com seu marido, Leonard Woolf, em março de 1917, adquiriu uma prensa para imprimir seus livros. Assim construíram seu próprio espaço e tornaram-se editores (FUSINI, 2006, p. 137).

A experiência de Virginia Woolf com a escrita costumava ser intensa. A autora parecia procurar uma maneira de fazer apagar seu sofrimento. Por isso, o melhor meio de conhecê-la é através de suas obras, pois é onde fala de si mesma, visto que emoções são partes da vida, não tendo como separar inteligência e sensibilidade (FUSINI, 2006, p. 76). Segundo Fusini (2006), Virginia Woolf “assume o mundo no interior do próprio coração. E, para conhecê-lo, escreve” (FUSINI, 2006, p. 129). Assim, a escrita assume um forte impacto na vida de Virginia, permeando sua mente inquieta.

Em 1928, Virginia Woolf já então uma renomada escritora modernista é convidada para palestrar na Universidade de Cambridge. Assim, o ensaio *Um teto todo seu* é baseado em artigos lidos para a Arts Society, do Newnham College e do Girton College, faculdades exclusivas para

mulheres. A partir do tema “As mulheres e a ficção”, sustento que Virginia assume um novo “eu”, narrado pela personagem Mary Seton (ou Beton, ou Carmichael), e faz um esboço sobre a tradição do patriarcado, de forma a evidenciar que “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, p. 15). Ao deparar-se com essa afirmação, o leitor por sua vez, poderá estranhar o fato de a autora destacar o espaço como primordial na experiência de escrita, pois disponibilizar um local adequado para o trabalho não é tido como uma afirmação de necessidade, nem tampouco como um fator de questionamento. No entanto, o espaço nem sempre foi uma garantia, especialmente para as mulheres.

A Inglaterra da era vitoriana foi marcada pela repressão, cabendo à mulher o papel de esposa e mãe. Assim, o espaço destinado ao gênero feminino era limitado, de forma a considerar a escrita como resultado dessas limitações. Praticamente não houve escritoras ficcionistas na literatura inglesa até o século XX e as que existiram viveram sob pseudônimos masculinos, sendo Jane Austen pioneira em romper com este ciclo. Na década de 1910, as mulheres tinham conquistado o direito ao voto na Inglaterra, o que ficou conhecido como a primeira onda do feminismo (PINTO, 2010, p. 15).

No artigo *O romance britânico no século XX*, Pires (1995) afirma que “no século XX, em face de tantas mudanças sociais, filosóficas e científicas, o autor vai perdendo o sentido unificado e globalizante do mundo e, conseqüentemente, sua capacidade de narrar de forma autoritária” (PIRES, 1995, p. 200). Pires menciona que “a obra de Virginia Woolf pode ser vista como um bom exemplo da renovação formal desse novo romance que surge, no qual a autoridade da voz do narrador dá lugar ao registro dos pensamentos e emoções internos dos personagens” (PIRES, 1995, p. 200).

Na história da literatura feminina, a prática escrita ocorreu a partir da necessidade de insistência das mulheres, marcando seu espaço de inserção em um cenário no qual não faziam parte. Assim, a partir do que Virginia nos diz em seu ensaio, passamos a pensar o exercício da escrita sendo fortemente associado à disponibilidade de um espaço físico suficientemente capaz de permitir que uma autora trabalhe sem ser incomodada. Tais incômodos que podem surgir geralmente estão atrelados a outras pessoas que dividem o mesmo ambiente. Há também barulhos externos, exigências de atenção a outras atividades, pois a demanda de serviços e a falta de privacidade eram constantes na vida feminina, como nos diz as memórias escritas por James Edward, sobrinho de Jane Austen, em *A memoir of Jane Austen*, que é citado por Virginia Woolf em *Um teto todo seu*: “É surpreendente como conseguia fazer isso, porque ela não tinha um estúdio a que pudesse recorrer, e muito do seu trabalho deve ter sido escrito na sala de estar

comum, sujeito a todo o tipo de interrupções casuais” (WOOLF, 2014, p. 98).

Em outro ensaio, chamado *A nota feminina na literatura*, presente no livro *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2012), Virginia diz que Jane Austen cobria seus manuscritos quando alguém entrava na sala, e “Charlotte Brontë teria de interromper o trabalho para ir descascar batatas” (WOOLF, 2012, p. 27). Virginia Woolf evidencia que a sensibilidade da mulher “foi lapidada por séculos pelas influências da sala de estar comum. Os sentimentos das pessoas a afetavam; suas relações pessoais estavam sempre diante de seus olhos” (WOOLF, 2014, p. 98).

Apesar de não ter uma educação formal, como grande parte das mulheres do passado e de sua época, Virginia Woolf desfrutava de boas condições financeiras (MORAIS, 2011, p. 1), de forma a favorecer sua produção literária e estabelecer sua vida como escritora reconhecida. Assim, na minha análise, a liberdade financeira significava liberdade para pensar, o que é mencionado no livro *Um teto todo seu*:

Realmente, pensei, guardando o troco na bolsa e recordando a amargura daqueles dias, é notável a mudança de humor que uma renda fixa consegue causar. Nada no mundo pode tirar de mim as quinhentas libras que me pertencem. Comida, casa e vestimentas são minhas para sempre. Portanto, não somente cessam o esforço e o trabalho, mas também o ódio e a amargura (WOOLF, 2014, p. 57-58).

Dessa forma, possuía o privilégio de uma renda fixa, não precisando exercer mais profissões ruins que exercera no passado, além disso:

Virginia cresceu num ambiente literário. Seu pai possuía uma ampla biblioteca e, a princípio, orientou com cuidadosas seleções o voraz apetite de Virginia pela leitura [...] permitiu-lhe o livre acesso à biblioteca. Sem dúvida, isso era uma liberdade excepcional para uma mocinha da época vitoriana – e foi de imenso benefício para sua formação como escritora.” (LEHMANN, 1989, p. 9).

Mais tarde, depois da Primeira Guerra Mundial, ela passa a ser membro do *The Bloomsbury Group*, no qual promoviam encontros, de forma a conhecer intelectuais, debater política e artes. Fusini (2006) escreve que “no círculo de Bloomsbury a mente de Virginia descobriu direções, temas, questões e problemas que fará seus, porque já o eram [...] cada um teria buscado o próprio modo de exprimir-se. E não se podia fazê-lo a não ser em liberdade” (FUSINI, 2006, p. 66-67). A autora ainda afirma que se Virginia “se tornará a escritora que foi é porque teve a coragem da própria liberdade, e tal coragem irá beber na sinceridade moral do grupo de jovens amigos que se reuniam para discutir a respeito da natureza do *bem* e do *belo* até altas horas da noite” (FUSINI, 2006, p. 67).

A ensaísta Virginia Woolf dialoga com o espaço, de forma a caracterizar como as vidas das mulheres são limitadas pelo privado, enquanto os homens desfrutam da liberdade da vida pública. Em *Um teto todo seu*, Mary Seton, ao observar as prateleiras das autoras do passado, questiona-se sobre o motivo das obras terem sido todas romances, de forma a trazer algumas problematizações sobre uma única sala de estar ser insuficiente em uma família de classe média na Inglaterra, “se uma mulher escrevia, tinha que escrever na sala de estar, com todos os demais. E quando a senhorita Nightingale tão veementemente reclamava – “as mulheres nunca têm meia hora [...] que possam chamar de sua” –, era sempre interrompida” (WOOLF, 2014, p. 98). Segundo Virginia, escrever prosa e ficção seria mais fácil, pois requer menos concentração do que escrever poesia ou peça de teatro, além disso, a autora conta que, até o século XIX, o treinamento literário de uma mulher consistia em observar as emoções das personagens. Para corroborar com essa reflexão, destaco as palavras de Virginia em *O valor do riso* (2014):

No futuro, desde que haja tempo e livros e um pequeno espaço para a mulher na casa, a literatura se tornará para elas, como para os homens, uma arte a ser estudada. O dom das mulheres será treinado e fortalecido. O romance deixará de ser o lugar onde as emoções pessoais são despejadas para se tornar, mais do que hoje, uma obra de arte como qualquer outra, com seus recursos e limitações explorados (WOOLF, 2014, p. 177).

Retomando *Um teto todo seu*, enquanto Mary Seton olhava para as obras de Shakespeare na prateleira, refletiu que “teria sido impossível, absoluta e inteiramente, para qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare na época de Shakespeare” (WOOLF, 2014, p. 70). Diante disso, imagina “o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã incrivelmente talentosa chamada, digamos, Judith” (WOOLF, 2014, p. 70). É provável que Shakespeare tenha frequentado escolas, de forma a receber educação formal. Trabalhou no teatro, sendo um ator de sucesso, conhecido no mundo por praticar a sua arte. Ao passo que, enquanto isso, sua extraordinária irmã estava em casa, sem frequentar a escola, não tendo a oportunidade de aprender e ler importantes obras. “Apanhava um livro de vez em quando, talvez um dos de seu irmão, e lia algumas páginas. Mas logo seus pais surgiam e ordenavam que fosse coser as meias ou cozer o guisado e não mexesse em livros e papéis” (WOOLF, 2014, p. 71).

Assim, a autora discorre que é impensável que uma mulher na época de Shakespeare tivesse o mesmo destino que ele, principalmente porque pessoas como Shakespeare não apareciam entre as classes trabalhadoras, então, como poderia existir uma mulher de igual talento se não dispunha das mesmas oportunidades que autores homens, já que o trabalho dela começa logo após ao nascimento, impelida pelos pais e obrigada aos bons costumes? Penso

que, nesse sentido, Virginia evidencia as poucas oportunidades destinadas às mulheres, que, mesmo que tivessem um talento potencial, eram impedidas de aperfeiçoá-lo e, portanto, não desenvolviam suas habilidades. Destaco a escrita de Virginia Woolf em *Mulheres e ficção*, ensaio presente no livro *O valor do riso*, onde a autora fala que:

É da mulher comum que a incomum depende. Apenas quando soubermos quais eram as condições de vida da mulher comum – o número de filhos que teve, se o dinheiro de que dispunha era seu, se tinha um quarto para ela, se contava com ajuda para criar a família, se tinha empregadas, se parte do trabalho doméstico era tarefa dela –, apenas quando pudermos avaliar o modo de vida e a experiência de vida tornados possíveis para a mulher comum é que poderemos explicar o sucesso ou o fracasso da mulher incomum como escritora (WOOLF, 2014, p. 171).

Assim, penso que o rastro não deixa dúvidas de que existiram inúmeras personagens femininas complexas, porém que se distanciavam das mulheres do cotidiano, visto que nem ao menos poderiam descortinar suas personalidades, pois estavam ocupadas com afazeres domésticos. Era perceptível que as personagens dos romances, peças de teatro de Shakespeare e epopeias poéticas eram interessantes, possuíam versatilidade, poder e influência, porém, na vida real isso não acontecia, inclusive muitas mulheres ainda eram analfabetas. Nesse ponto, destaco a percepção da autora sobre as distorções existentes entre a realidade feminina em comparação com as mulheres célebres retratadas na literatura:

Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido (WOOLF, 2014, p. 66-67).

Compreende-se que as mulheres escritoras do passado romperam paradigmas na literatura, pois conseguiram escrever grandes romances, mesmo que suas experiências de vida não impactassem no que era considerado socialmente relevante e digno de reconhecimento naquele período. Eram mulheres que viviam confinadas, e eram constantemente interrompidas no ambiente. Em ensaios anteriores, como em *Mulheres romancistas*, de 1918, Virginia Woolf menciona que “talvez não tenha sido apenas na intenção de receber críticas imparciais que George Eliot e Miss Brontë adotaram pseudônimos masculinos: talvez quisessem libertar a própria consciência, enquanto escreviam, das expectativas tirânicas em relação ao seu sexo” (WOOLF, 2012, p. 28). Em *Um teto todo seu*, a narradora se pergunta o que essas mulheres poderiam ter criado – de forma a trazer ao mundo obras de ficção mais complexas, se tivessem as mesmas experiências e oportunidades que autores homens dispunham, como a exemplo do

escritor russo Liev Tolstói. Para a autora, a ficção escrita por homens não consegue penetrar nos mistérios femininos, de forma que haveria muito mais a ser examinado. No trecho a seguir ela menciona o porquê de enfatizar dinheiro e espaço próprio:

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço próprio. No entanto, graças à labuta das mulheres obscuras do passado, de quem eu gostaria de saber mais, graças, curiosamente, a duas guerras – a da Crimeia, que permitiu que Florence Nightingale saísse de casa, e a Europeia, que abriu as portas para a mulher comum cerca de sessenta anos mais tarde –, esses males estão prestes a ser corrigidos. Não fosse assim, vocês não estariam aqui esta noite, e a sua chance de ganhar quinhentas libras por ano, por mais precária que ainda seja, seria extremamente minúscula (WOOLF, 2014, p. 151-152).

Virginia Woolf falava sobre a condição de escrita feminina a partir de uma visão muito própria do que significava ser mulher na Inglaterra do século XX, e diante disso passa a pesquisar o passado, de modo a trazer um refinado e inovador ensaio sobre o que desencorajava as mulheres, no sentido de que elas permaneceram ausentes do cenário literário por muito tempo, pois, em um sistema patriarcal, as mulheres não possuíam credibilidade como escritoras, tendo o espaço físico como um dos principais fatores a serem considerados.

Contudo, a escritora não fala por todas as mulheres, visto que é importante considerar a sua geografia, bem como sua etnia e classe social, de forma a reconhecer suas limitações, já que é detentora de lugares privilegiados, onde o direito de fala feminino – ainda que sofresse inúmeras barreiras de espaços e impedimentos que eram universais para todas as escritoras –, partia da visão de uma mulher branca em uma sociedade inglesa de classe média. Mesmo em face disso, é inegável seu papel não só como uma grande escritora de sua época, mas como uma visionária. Para mostrar isso escolhi um trecho lido em *A arte do romance*, especificamente no texto *As mulheres e a literatura*, onde Virginia projetou perspectivas para o futuro:

No futuro, dispondo de tempo, livros e um pouco de espaço para si dentro de casa, a literatura se tornará para as mulheres, tal como para os homens, uma arte a ser estudada. O talento feminino será exercitado e fortalecido. [...] Assim, arriscando uma profecia, as mulheres no futuro escreverão menos romances, mas também poesia, crítica e história. Mas nisso, sem dúvida, estamos antevendo aquela idade dourada, talvez mítica, em que as mulheres terão aquilo que lhes tem sido negado por tantas eras: tempo, dinheiro e espaço próprio (WOOLF, 2017, p. 114-115).

Tendo em vista esse cenário desencorajador para a escrita de autoria feminina no mundo, no Brasil o movimento de emancipação da mulher ganhou voz por meio da literatura. “A

literatura estava destinada a desempenhar um papel decisivo na denúncia daquele descompasso e daquela barreira” (COELHO, 2002, p. 246). A própria escritora Conceição Evaristo menciona em sua tese de doutorado que “a formação ideológica do Brasil como nação acontecia justamente na época em que, na Europa, ocorriam grandes discussões, tendo por tema as teorias raciais e as diferenças que elas instituíaam entre os grupos humanos” (EVARISTO, 2011, p. 19).

Assim, falar do espaço de escrita em diferentes contextos se torna importante, pois “o espaço geográfico é concebido como um produto social e histórico que possibilita a análise da realidade tanto em sua dimensão material quanto em sua representação” (FARIAS, 2019, p. 23). Refletir sobre o espaço nos permite teorizar acerca dos diferentes modos de vida, etnias e classes, bem como entender as experiências escritas por meio de realidades distintas. Virginia Woolf, ao teorizar sobre a questão do espaço, menciona: “Portanto, quando lhes peço que ganhem dinheiro e tenham um espaço para si, estou pedindo, ao que parece, que levem uma vida revigorante na presença da realidade, quer consigam ou não transmiti-la” (WOOLF, 2014, p. 154-155).

A partir da caracterização que a escritora inglesa Virginia Woolf dá aos espaços em *Um teto todo seu*, ainda na década de 1930, passo a descrevê-lo na contemporaneidade através da experiência literária da escritora brasileira Conceição Evaristo. A escolha de Conceição surgiu por meio do conhecimento de sua obra, através da leitura do livro de contos *Olhos d'água* e de *Becos da memória*, escritas profundas, capazes de trazer percepções sobre africanidades, tendo o protagonismo feminino como um símbolo de resistência em meio ao realismo poético que a autora emprega em seu texto. Isso propiciou pesquisar sobre seu histórico como mulher negra e escritora contemporânea em uma sociedade patriarcal como a brasileira, suas origens e sua participação nos movimentos sociais, de modo que me pareceu essencial falar sobre uma mulher como Conceição Evaristo, que foi candidata à Academia Brasileira de Letras em 2018 e vencedora do Prêmio Jabuti em 2019.

De acordo com Constância Lima Duarte (2018), as narrativas sobre relações sociais e gênero ocorreram de forma lenta, sendo necessários muitos e muitos anos para que as mulheres se tornassem atuantes como são na atualidade (DUARTE, 2018, p. 7). Dificilmente encontramos nomes femininos na literatura brasileira antes dos anos 30, porém isso não significa que não existiram escritoras. É importante chamar a atenção para o fato de que os estudos sobre a representação feminina na literatura datam de um período muito mais recente, sendo que até os anos 1980 esses estudos não eram legitimados como objeto de pesquisa.

Não custa lembrar, para as jovens gerações, que as mulheres antigamente não tinham direitos, só deveres. Não podiam aprender a ler, não tinham opinião a respeito de nada, não podiam herdar bens, para tudo precisavam de tutores homens. Seu mundo se reduzia ao mundo doméstico, às paredes de sua casa. Para dourar a pílula, foram chamadas de “belo sexo” e “sexo frágil”, que ao fim e ao cabo era sinônimo de inferior, infantil, incompetente, irracional (DUARTE, 2018. p. 7).

Enquanto os homens pertencentes à elite estudavam na Europa, suas irmãs se mantinham confinadas em casa, em um sistema de quase escravidão, pois até mesmo as mulheres mais ricas eram analfabetas. O direito ao voto, estudo e trabalho ocorreu em meio a duras penas, precisando derrotar a resistência da sociedade em ver mulheres atuantes. Os estudos iniciados na década de 1980 trouxeram uma luz ao conhecimento sobre as mulheres na literatura nacional, mostrando os preconceitos que sofreram na busca por se tornarem escritoras, de modo a rever o cânone literário brasileiro (DUARTE, 2018, p. 7).

A questão da literatura de autoria feminina é considerada quando a autora percebe e é consciente de sua perspectiva e da sua experiência de vida. Como comenta o professor e escritor Eduardo de Assis Duarte, em *Texto e contexto – ocupação Conceição Evaristo 2017*, no caso das culturas africanas há o agravante de um conjunto de narrativas nascidas na Europa que se mantiveram ao longo dos séculos e acabaram por reduzir o negro a uma condição selvagem e menos humana. Isso trouxe estereótipos para a literatura brasileira, colocando a figura da mulher em uma condição de submissa. Assim, a literatura negra é um fenômeno do século XX, sendo o primeiro movimento literário internacional que surge na América e vai para a Europa, ao contrário de muitos outros movimentos. Com isso, essa literatura se empenha como um projeto de identificação com a humanidade do negro e exaltação dessa humanidade, de forma a ser subjacente ao trabalho de Conceição Evaristo (DUARTE, 2017).

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 1946. Possui origens humildes, sendo a primeira de sua família a conquistar um diploma universitário, cursou Letras na UFRJ e foi professora da rede pública, prosseguindo seus estudos com mestrado na PUC e doutorado na Universidade Federal Fluminense, de modo que hoje pesquisa sobre a afro brasilidade na literatura, tendo participação ativa nos movimentos de valorização e defesa da cultura negra, passando a denunciar as opressões sofridas historicamente. Estreou na literatura em 1990, publicando poemas e contos na série *Cadernos Negros*, criada em 1978 para divulgar a literatura afro-brasileira. Conceição lançou seu primeiro romance, intitulado *Ponciá Vicêncio*, em 2003, e após isso, *Becos da memória*, no qual já havia escrito 20 anos antes, mas que só foi publicado em 2006 (EVARISTO, 2017, p. 7). Ainda possui um livro de poemas e três livros de contos.

Como suporte para a pesquisa deste trabalho, recorri às diversas entrevistas de Conceição Evaristo no YouTube. Em 2017, o Itaú Cultural realizou uma gravação no Rio de Janeiro, chamada *O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo*, na qual a autora conta que sua competência literária, bem como seu imaginário e sua ficcionalização, nascem a partir do espaço onde seus pés estão fincados. Portanto, sua escrita é contagiada pela condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira, como ela mesma afirma na entrevista, partindo de suas próprias experiências ou de situações nas quais ouviu, observou e presenciou no espaço em que vive.

Em um texto apresentado originalmente na *Mesa de Escritoras Afro-brasileiras*, Conceição Evaristo conta o seguinte: “na origem de minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres!” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Segundo Pereira (2016), uma “característica marcante da autoria feminina afro-brasileira é que seus textos constroem a ficção com base nas experiências, ou seja, para essa literatura as vivências pessoais e/ou coletivas tornam-se deliberadamente fonte de conhecimento e de inspiração” (PEREIRA, 2016, p. 83). Diante disso, Conceição Evaristo cunha o termo *escrevivências*, pois assim define seu modo de escrita, na qual reflete não só a vida da autora, mas de muitas outras mulheres, pois denuncia o cotidiano opressivo, os corpos violados, o preconceito, o sentimento de injustiça, o desamparo, a miséria e a fome de quem precisa garantir a sobrevivência dia após dia. Escrever sobre a existência surgiu a partir dessas reflexões, “foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2007, p. 21). Dessa forma, Constância Lima Duarte (2013), explica que o eu lírico passa a “transcender o biográfico, e se colocar na base da escrita desta mulher madura, lúcida e solidária” (DUARTE, 2013, p. 3).

Entende-se que todos os lugares possuem histórias para contar, servindo também como meio de análise dos indivíduos, já que não há grupos que não tenha relação com o lugar. Nesse sentido, mesmo que a voz de Conceição seja coletiva, ela escreve para suportar as próprias durezas da vida. Assim nos conta em um depoimento sobre sua história, realizado no *I Colóquio de Escritoras Mineiras*, em maio de 2009, disponível no site Literafro:

Na escola eu adorava redações do tipo: “Onde passei as minhas férias”, ou ainda, “Um passeio à fazenda do meu tio”, como também, “A festa de meu aniversário”. A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas

por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos. Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém freava os meus desejos (EVARISTO, LITERAFRO 2009).

Nesse fragmento, a autora menciona o espaço físico como uma limitação em sua vida. Em 2016, Conceição Evaristo concedeu uma entrevista durante a edição da *Festa Literária Internacional de Paraty (Flip)* para o Itaú Cultural, onde conversou sobre suas origens e seus questionamentos de infância. A escritora diz que certas indagações que tinha quando criança acabaram por levá-la para a escrita, por exemplo a posição de subalternidade que sua família tinha diante de famílias brancas e ricas. Conceição vinha de uma criação tradicional, onde as pessoas mais jovens chamavam as pessoas mais velhas de *senhora*, e ela, por sua vez, não entendia o motivo de ter de utilizar esse termo, sendo que a filha da patroa, mesmo sendo mais jovem, se referia à sua mãe e a sua tia pelo nome. Segundo a escritora, o não entendimento dessas indagações lhe causavam um desconforto muito grande, mesmo sem perceber que eram questões sociais e de classe.

Conceição Evaristo observa que esses questionamentos a levaram para a escrita e a partir da leitura passava a buscar respostas. Ela acreditava que os livros trariam as respostas que precisava. Assim, a sua escrita nasce marcada pelas indagações que passa a ter sobre o mundo e a vida. Penso que as falas de Conceição Evaristo em suas entrevistas, mesmo em diferentes momentos, sempre se encontram. A forma como a autora narra suas experiências deixa claro a relevância da literatura para a sua formação.

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, LITERAFRO, 2009).

A autora fala que o ambiente onde exerce a escrita é a sua casa, em meio ao cotidiano. Conceição diz não reservar determinados momentos para escrever e salienta que muitas escritoras brasileiras estão envolvidas também nas lutas do dia-a-dia, de forma que a escrita acontece quando se dispõe de tempo. A autora cita algumas de suas atividades diárias, como a ida ao supermercado e a dedicação à maternidade, visto que a sua filha requer cuidados especiais. A escritora também menciona que alguns escritores têm a cozinha como um *hobby*,

mas “a gente”, como diz Conceição, “cozinha, escreve e lava o terreiro”. Acrescento aqui uma reflexão que tive quando ela menciona “a gente”, como se estivesse se referindo a outras pessoas que não estão presentes e sobre as quais também não diz quem são, e penso que Evaristo tece um discurso sobre escritoras que vêm de um lugar marginal, assim como ela, mulheres que conquistaram seu espaço na maturidade da vida, mesmo após muito tempo na trajetória literária. Isso porque viveu na pele os reflexos da apartação social. Conceição Evaristo fala também que prefere escrever durante a madrugada, por conta do silêncio.

Em uma entrevista para a BBC Brasil, em 2018, a escritora indaga: “Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida? [...] É preciso questionar essas regras e dinâmicas sociais, culturais e econômicas que tornam tudo muito mais difícil para as pessoas negras” (EVARISTO, BBC BRASIL, 2018). Ao ser perguntada sobre como a mulher negra é vista no Brasil, após 130 anos de abolição da escravatura, a autora traz uma reflexão primordial para que se entenda o que acontece à mulher negra em um país como o Brasil:

Acho que são 130 anos de uma abolição inconclusa. Inconclusa porque nós - a população pobre em geral, e mais ainda as mulheres negras – ainda não conquistamos uma cidadania plena no que diz respeito à habitação, emprego, condições de vida. A sociedade brasileira ainda tem essa dívida histórica para com a população negra, e mais ainda para com as mulheres negras. As mulheres já enfrentam interdições por questões de gênero. No caso das negras, as interdições estão fundamentadas na questão de gênero e na questão de raça. Para as mulheres negras, a conquista de determinados direitos e de determinados espaços é muito mais difícil (EVARISTO, BBC BRASIL, 2018).

Em outro momento da entrevista, Conceição é interrogada do porquê demorou 20 anos para publicar a sua primeira obra e quais obstáculos a impediram. Sua resposta é a seguinte:

A primeira obra que eu escrevi, *Becos da memória*, ficou guardada durante 20 anos. Eu mandei para várias editoras. O texto literário, no caso da autoria negra, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita. Quando a temática negra trata do folclore, ou não é tão reivindicativa, aí interessa. Mas quando questiona as próprias relações raciais no Brasil, é quase um tema interdito. Principalmente se isso é colocado pela própria autoria negra. Até então, os brancos podiam dizer a nosso respeito. Mas quando a gente se apropria do nosso discurso, da nossa história, isso é motivo de interdição (EVARISTO, BBC BRASIL, 2018).

2.2 UM CAMINHO PARA O TETO DE CONCEIÇÃO

A partir do conhecimento da primeira obra de Conceição Evaristo, escolho *Becos da memória* para adentrar ao seu espaço. A percepção de espaço contida no romance veio logo

quando iniciei a leitura, visto que possuí o desfavelamento como pano de fundo para uma narrativa que dialoga com o testemunho da apartação social. Lendo os agradecimentos de Conceição Evaristo, é notável a importância dessa obra para a autora. Ela celebra a 3ª publicação de *Becos da memória*, pela Pallas editora, recordando a 1ª publicação, realizada em 2006, pela Mazza editora e a 2ª, em 2013, pela Editora Mulheres. Em uma passagem, Conceição diz: “[...] relembro os 20 anos de espera, depois de frustradas buscas para a publicação, em que os originais do livro ficaram guardados na gaveta do esquecimento” (EVARISTO, 2017, p. 7).

É em *Becos da memória* que Conceição tem a primeira experiência de escrever sobre escrita e vivência: “Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência, talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*” (EVARISTO, 2017, p. 9). O romance narra histórias de diversos personagens marginalizados, moradores de uma favela que está sendo destruída para dar lugar à outra construção. Assim, o conceito de espaço se faz presente no romance, de forma desoladora para a comunidade que ali reside e vê sua moradia ser desmontada pelas máquinas.

Penso que aos poucos esse espaço da narrativa começa a ser apagado, da mesma forma que os sujeitos que nele vivem, “agora a gente perde um lugar de que eu já pensava ser dono” (EVARISTO, 2017, p. 29). Essas palavras do personagem Totó evidenciam a dor de ver o espaço/lar deixar de existir. Milton Santos, em *Pensando o espaço do homem* (2012), diz que: “O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram [...] Por isso, o momento passado está morto como tempo, não, porém, como espaço.” (SANTOS, 2012, p. 14).

É notável a sensibilidade de Conceição ao tratar de um cotidiano tão opressivo e difícil, evidenciando as memórias que o espaço é capaz de proporcionar para todos aqueles moradores que estão sendo desabrigados: “Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir?” (EVARISTO, 2017, p. 71). Esses pensamentos povoavam a cabeça de Maria-nova. Assim, reflito que o espaço não se configura apenas como local físico provisório e sujeito a mudanças, mas como um acervo de memórias e experiências que acabam por definir a identidade de uma pessoa e de um grupo. Por meio de uma narrativa fragmentada, narrada em primeira e terceira pessoa, tem-se as memórias da época de construção da favela, lugar onde moravam trabalhadores, empregadas e lavadeiras. Os relatos de todos aqueles que ali vivem mostram a construção do espaço como algo formado pelos próprios indivíduos. A personagem Maria-Nova recorda um tempo distante: “Naquela

época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo. [...] Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2017, p. 16).

Nesses becos da memória do passado, o presente se confunde e o que resta é o apagamento e o silenciamento dessas pessoas. *Becos da memória* fala sobre relações de poder, onde os moradores da favela são os excluídos: “O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. [...] Dava a impressão que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez” (EVARISTO, 2017, p. 116). Ainda assim, nesse cenário de perdas, a personagem Maria-Nova busca encontrar na escrita uma esperança de “abrigo”, como uma tentativa de registrar sua difícil realidade.

A leitura que nutre Maria-Nova, como forma de suportar a vida e o mundo, é exposta como um movimento de fuga das condições desfavoráveis e acolhimento dentro do espaço, sendo a escrita de Conceição Evaristo também marcada por essas possibilidades, tanto de evasão, como também de inserção para transformar o lugar. Para corroborar, destaco o pensamento de Araujo (2019), no trabalho “*Becos da memória, de Conceição Evaristo: uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil*”, no qual diz que, no caso de Maria-Nova, “a menina é representada como um sujeito que percebe as limitações do sistema econômico em que os negros brasileiros estavam inseridos, no qual permaneciam servindo aos homens brancos e presos a uma situação miserável e sem qualidade de vida” (ARAUJO, 2019, p. 17).

Assim, retomo uma passagem do livro, que ao perceber as características do espaço em que ocupa e iniciando seus estudos no ginásio, a menina aprendeu o significado e a diferença entre senzala-favela e casa-grande, querendo citar exemplos em sala de aula para a professora, mas ao olhar para a única colega negra, buscando alguém para apoiá-la, percebeu que essa escutava a aula como se nada tivesse a ver com a escravidão (EVARISTO, 2017, p. 73). Observo que, de certa forma, a possibilidade de pensamento crítico de Maria-Nova se dá por meio da leitura e pelo engajamento da personagem em descobrir as histórias dos moradores da favela, demonstrando a intenção de fazer com que as histórias se tornem conhecidas através da sua própria escrita e assim, na minha análise, denunciar a opressão e permitir que os demais possam se identificar com a narrativa. Considero essa passagem muito marcante, pois reflete sobre o crescimento da menina e suas angústias perante a vida:

Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela e nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo (EVARISTO, 2017, p. 76).

A partir do conceito de *escrevivência*, não pude deixar de associar a personagem Maria-Nova com Conceição Evaristo, pois a própria autora relata: “Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*” (EVARISTO, 2017, p. 11). Em outra passagem, a autora também comenta que “a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Essa con(fusão) não me constrange” (EVARISTO, 2017, p. 12). De acordo com Eduardo Assis Duarte, em *Texto e contexto – Ocupação Conceição Evaristo 2017*, o conceito de *escrevivência* traduz toda a literatura negra, desde Toni Morrison. Assim, Conceição Evaristo criou um conceito que traduz uma prática de muito tempo, de modo a colocar em formato literário aquilo que ela e seu povo são e que precisa ser dito, pois não basta ser, é preciso dizer (DUARTE, 2017). Para reafirmar a herança das *escrevivências*, presentes nas obras de Conceição Evaristo, destaco mais trecho da autora no *I Colóquio de escritoras mineiras*:

Nesse sentido, o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória. E dos becos de minha memória imaginei, criei. Aproveitei a imagem de uma velha Rita que eu havia conhecido um dia. E ainda desses mesmos becos, posso ter tirado de lá Ana e Davenga. Quem sabe Davenga não era primo de Negro Alírio? E por falar em becos da memória, voltei hoje de manhã à Rua Albita (EVARISTO, LITERAFRO, 2009).

Em um depoimento de 2020, chamado *Conceição Evaristo / Escrevivência*, a autora diz que sua *escrevivência* se dá através da vida do povo negro, homens, mulheres e crianças. Seu material literário está ligado profundamente às experiências da coletividade negra e sobre isso a autora fala que talvez a crítica literária não acredite que a experiência e a vivência negra possa ser matéria de ficção. Conceição diz que isso é contraditório, porque existem várias obras da literatura brasileira que usam e se inspiram nas culturas africanas e afro-diaspóricas para construir o texto literário, a exemplo de Jorge Amado. Porém, quando se trata da autoria negra, quando os autores utilizam de suas experiências e culturas, transformando-as em textos

literários, é algo mais difícil; nas palavras da autora, é como se o negro não tivesse o direito de criar e falar de suas próprias histórias. Segundo Conceição, a ficção não possui um compromisso com a verdade, o discurso ficcional presente na literatura negra chega cobrindo lacunas, pois o que a História não oferece a Literatura é capaz de oferecer, ou seja, o vazio histórico é preenchido pela ficção. Diante disso, penso que a *escrevivência* desconstrói os estereótipos e reinventa o que é estabelecido pelo cânone.

Em sua fala, Conceição Evaristo menciona que, em *Becos da memória*, ela traz as memórias da escravização, abordando uma temática que a autora gostaria de criar, visto que o passado dos afro-brasileiros não foi expurgado, nem de forma emocional e nem com uma política concreta. A autora menciona que trabalhar esse passado na literatura é uma forma de reivindicar uma posição de dignidade no presente e de afirmar a identidade afro-brasileira. Destaco a fala de Conceição sobre a sua literatura, na qual a autora comenta que gosta de trazer para seu texto imagens que, vistas de fora, não possuem poesia, porém, a maneira que o fato é descrito, que as personagens são construídas, que a linguagem é utilizada, pode fazer dele um fato cruel, de tal forma que o humanize.

Conceição Evaristo exemplifica uma cena que presenciou e em como ela conseguiu transformá-la em um texto literário, de maneira a retirar uma poética da situação. Ela que diz que isso é um exercício. Assim, as cenas do cotidiano de Conceição também passam a ser cenas coletivas, sendo, na fala da autora, um processo que vem de dentro e nasce de um lugar social de subalternidade.

De acordo com Oliveira (2009), no artigo “*Escrevivência em Becos da memória, de Conceição Evaristo*”, a obra *Becos da memória* é constituída por meio de rastros que são gerados por elementos da *escrevivência*, sendo eles: corpo, condição e experiência. O corpo refere-se ao existir negro, “arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos” (OLIVEIRA, 2009, p. 622). A condição diz respeito a um processo fraterno e de compreensão com as várias personagens da obra. O elemento experiência, por sua vez, serve como recurso estético e atribui credibilidade para a narrativa. Penso que com um tom autobiográfico, recriando situações e espaços, Conceição tece sua escrita com esses elementos da *escrevivência* para retratar a condição negra no Brasil.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, os depoimentos de Conceição Evaristo foram primordiais para o entrelaçamento da autora e de sua obra com o espaço físico. Destaco o vídeo *Becos da memória – Ocupação Conceição Evaristo (2017)*, no qual a autora discorre sobre lembranças do lugar onde viveu, ao mesmo tempo em que caminha pelo local e também lê trechos de sua obra. Conceição diz que, quando volta a Belo Horizonte, ela retorna ao espaço

em que vivia e tem sempre a mesma sensação, ou seja, de que a cidade a traiu, pois ela não reconhece mais aquele espaço. Em 0:48 de conversa, Conceição passa a dizer:

Minha mãe tinha por hábito enterrar os umbigos dos nenéns debaixo da terra. Aliás, é também um hábito ancestral africano. Então, voltar aqui é procurar reconhecer esse espaço e ao mesmo tempo estar tão viva essa memória da minha infância, da minha adolescência, dos vizinhos ao entorno e perceber esse espaço tão diferente e que a gente não pôde fazer nada pra quando houve o plano de desfavelamento. [...] durante muitos anos esse espaço ficou praticamente abandonado. Então, quando a gente passava tinha sempre aquela sensação de que a gente poderia ter ficado aqui mais um pouco. Acho que eu tinha a esperança ou a vontade de que algum milagre acontecesse, que a gente não ia sair desse espaço nunca (EVARISTO, YOUTUBE, 2017).

Conceição continua e fala que não consegue viver por muito tempo na mesma casa e que em 40 anos morando no Rio Janeiro acha que já se mudou 20 vezes. A autora diz que, ao pensar sobre isso, considera que talvez ela procure esse espaço original no qual perdeu e de que gostava tanto. Dando seguimento a esse relato tão importante sobre os sentimentos de Conceição Evaristo em relação ao espaço, ela refere, “com muita veemência”, que este espaço é dela, não só dela, mas de toda uma comunidade que lá viveu, na medida em que a vida deles está plantada lá. Nesse contexto, ela sente que toda uma “geografia afetiva” foi agredida, como se o próprio corpo, fisicamente, tivesse sido agredido. A autora adentra os becos, mostrando os caminhos para a sua antiga casa e contando as modificações que o espaço sofrera, e ao lado de suas recordações, há fragmentos de memórias de seu irmão e de suas irmãs, que também recordam as vivências no lugar. Aqui reflito que o título do livro remonta ao passado da própria autora, tendo o espaço como o principal elemento dessa narrativa, tomando forma através da memória das personagens, tal qual Conceição Evaristo nos revela no vídeo.

Em depoimento, o irmão de Conceição comenta que ela sempre escreveu em seus raros momentos de folga, em um quarto, “um cantinho” na casa da tia, onde sempre estavam dispostos pilhas de papéis de rascunhos. Ele fala que não sabe se ela aproveitou esses escritos, pois muitas coisas físicas não foram levadas na mudança para o Rio de Janeiro, mas que ela deve ter levado na memória. Conceição nos fala, em *Becos da memória – Ocupação Conceição Evaristo (2017)*, que para ela todas as memórias devem ser lembradas, mesmo as doloridas. Em sua família, eles costumavam lembrar das memórias doloridas para celebrar o presente, celebrar aquilo que conseguiram vencer. A autora especifica que não deixaria de fora nenhuma memória daquela região, pelo contrário, ela lamenta as recordações que não consegue lembrar. Mas pontua, em 8:44, que:

As memórias doloridas são boas lembranças quando você consegue realmente sair daquele estado de dor. No caso, por exemplo, dos brasileiros e dos afro-brasileiros, a

gente traz a memória da escravidão para celebrar a resistência. Não há como pensar na história do Brasil, na memória brasileira, sem pensar na memória da escravidão. Mas sempre pensar essa memória dolorida também como um espaço de resistência. Eu sou memorialista, eu gosto principalmente da memória coletiva (EVARISTO, YOUTUBE, 2017).

Retornando ao contexto da obra, Vó Rita e Maria-Velha, avó e tia de Maria-Nova, respectivamente, são outras personagens femininas que convivem com a menina. A tia trocava histórias juntamente com Tio Totó e “Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo” (EVARISTO, 2017, p. 30). Vó Rita representa a ancestralidade, sendo respeitada por todos, pois já viveu muitas histórias, havia sido parideira e “tinha as mãos vazias de bens que lhe coubessem. Estava vencendo o tempo de amargo sofrimento e usara uma única arma, o amor” (EVARISTO, 2017, p. 154). Sua vida é marcada pela escravidão, que fora abolida ainda em sua juventude. Assim, essas gerações de mulheres simbolizam histórias de resistência, tendo como pano de fundo o espaço das favelas brasileiras. Nesse contexto, analiso que Conceição busca formar uma narrativa por meio de memórias familiares que ela mesma já reconhece como suas e traz para a construção da obra.

Dentro do conceito de *escrevivência*, a autora afirma que “a escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 205). No posfácio do livro *Becos da memória*, Simone Pereira Schmidt (2017) menciona:

[..] dentro de uma compreensão mais profunda de que a história, tradicionalmente divulgada na perspectiva dos vencedores, pode ser escrita a contrapelo, dando vez a versões, mínimas, fragmentárias de vidas comuns, nem heroicas, nem exemplares, de pequenas vidas de personagens em cujos percursos se conjugam derrotas advindas de sua condição social, racial e de gênero (SCHMIDT, 2017, p. 187).

Diante disso, penso que as falas presentes em *Becos da memória* representam vozes historicamente silenciadas, de forma que Conceição quebra o silêncio dos marginalizados e veste-se de sua própria perspectiva social para imprimir autenticidade na escritura. Considero que a memória, no contexto da literatura, possui o papel de solidificar os mecanismos culturais, possibilitando um encontro identitário com a herança ancestral, assim como com a posição da mulher negra na sociedade brasileira, características essas que Conceição Evaristo exprime de forma contundente em sua narrativa. Visando corroborar com as ideias mencionadas, destaco que Eduardo Assis Duarte (2015) fala sobre o brutalismo poético de Conceição Evaristo, reconhecendo que a autora faz um contraponto saudável a esse hábito, que, segundo ele ganha notoriedade a partir de Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. Assim, Conceição passa a introduzir

“um modo de narrar que descarta a representação estereotipada, sobretudo de negros e mulheres, além de trabalhar também as causas do fenômeno” (DUARTE, 2015, p. 9).

Na tese de doutorado de Conceição Evaristo, em sua análise, a autora afirma que “uma espécie de sentimento de exílio ou de orfandade aparece como motivo poético em vários textos de autoria de poetas afro-brasileiros” (EVARISTO, 2011, p. 24). Nas palavras de Conceição, “é como se o poeta, para compensar a perda, a ruptura brutal do cordão umbilical, buscasse, em suas lembranças recriadas, os mitos, os temas, os nomes, a história passada e contemporânea do mundo negro-africano e de seus descendentes” (EVARISTO, 2011, p. 24). Dessa forma, concordando com Schmidt (2017), em *Becos da memória*, a relação senzala-favela é notada nas memórias da escravidão, que são contadas pelos mais antigos e na “geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores” (SCHMIDT, 2017, p. 188). Essa relação entre senzala e favela, como nos elucidava Schmidt (2017), vai ao encontro, segundo Duarte (2009), de “uma história de superação vinda dos antepassados, a partir de uma perspectiva identificada com a visão do mundo e com os valores do Atlântico Negro” (DUARTE, 2009, p. 346).

Em *Becos da memória*, considero que Maria-Nova se apresenta como uma espécie de *alter ego* de Conceição Evaristo. Sinto que a voz da personagem se funde com a voz da autora, sendo preservadas pelas memórias e pela escrita, o que acompanha a personagem até o fim, da mesma forma que Conceição tinha nas palavras o seu instrumento de libertação das imposições que a vida lhe oferecia. Nas palavras da autora: “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência [...]” (EVARISTO, LITERAFRO, 2009). Da mesma forma que a escrita possui papel encorajador para Maria-Nova:

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia que seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2017, p. 177).

Pensando no fragmento anterior e de acordo com Silveira (2019), “a narradora de *Becos* configura-se como depositária das experiências dos moradores da favela, inscrevendo as suas histórias subterrâneas em seu relato e, portanto, em termos estéticos, caracteriza-se como uma narradora-testemunha” (SILVEIRA, 2019, p. 109). Na minha análise, essa experiência evidencia o conceito da *escrevivência*, que passa a ter Maria-Nova como porta-voz. Segundo Conceição Evaristo, ela inventa para “cobrir os vazios de lembranças transfiguradas” e quem a

ajudou foi Maria-Nova (EVARISTO, 2017, p. 11). Escrever passou a ser a ferramenta de recomposição das recordações da pobreza, experiência vivida por quem conseguiu observar a coletividade dos becos: “A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor sua experiência” (FONSECA, 2017, p. 193). Assim, destaco do segundo posfácio de *Becos da memória*, de Maria Nazareth Soares Fonseca (2017):

Um caminho marcado pela observação das mazelas de um projeto urbano que não consegue solucionar a demanda dos excluídos, das periferias dos grandes centros e dos bolsões de miséria que colocam em xeque o ranço positivista de *slogans* como “ordem e progresso” é o que é construído pela voz da narrativa no livro *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (FONSECA, 2017, p. 192).

Remetendo às memórias utilizadas para a construção de *Becos*, que, segundo Conceição Evaristo, pode ser lido como “ficções da memória” e como a própria autora menciona ser memorialista, busco nas palavras de Ana Carolina Mesquita (2020), na apresentação do livro *Um esboço do passado*, de Virginia Woolf, a função da memória enquanto elemento de construção do sujeito:

Se é a memória o que nos constitui enquanto sujeitos e comunidades, se é aquilo que nos distingue como indivíduos e ao mesmo tempo o que nos conecta ao outro em um terreno comum, é também aquilo que, em última análise, funciona de âncora para nossa própria realidade. É a memória que nos permite construir significados para suportar a aleatoriedade dos golpes da vida (MESQUITA, 2020, p. 9).

Penso que, apesar de o romance de Conceição Evaristo ser marcado por personagens que buscam pertencimento em relação ao espaço em que estão inseridos, a favela não é idealizada, tampouco as vidas daquelas pessoas, ainda que as memórias afetivas do espaço sejam inseridas na narrativa como um apego ao único lugar que conheciam ser seu. Maria-Nova constrói a história sobre o desmonte da comunidade, ao mesmo tempo em que destaca os laços em torno do espaço. Assim, a favela “não é entendida como um lugar à parte, mas como um espaço possível da cidade, um espaço que, ao ser destruído, apaga a história daqueles que viveram e sofreram ali” (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 50). Percebo isso nos pensamentos que pairam na cabeça de Maria-Nova: “Era preciso viver. “Viver do viver”. A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. [...] O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever” (EVARISTO, 2017, p. 160). Dessa forma, *Becos da memória* se consolida como uma realização da

escrevivência de Conceição Evaristo, estabelecida através da personagem Maria-Nova, que enfim realiza seu desejo de escrita.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste nas leituras prévias das obras escolhidas para estudo, *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, e *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, bem como, fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica sobre a relevância do espaço de escrita, através de outros ensaios de Virginia Woolf, de entrevistas concedidas pela escritora Conceição Evaristo e de artigos que versam sobre a temática do espaço. Como ponto de partida, a primeira sessão tem o título “A relevância do espaço de escrita”, no qual destaco a importância do ato de escrever, tendo como fundamentação teórica *Cultura escrita e oralidade*, de Olson (1997), que aborda as contribuições da escrita. Dando seguimento ao capítulo, passo a falar sobre a importância do espaço físico e sua influência para o bom desenvolvimento de uma atividade, a partir da distinção de espaço e ambiente proposta por Zabalza (1998), como também as ideias de habitação observadas por Oliveira (1982) no artigo *A importância da habitação na saúde e na reprodução do trabalhador*.

Tendo o livro *Um teto todo seu* como principal aporte teórico para este trabalho, ainda no primeiro capítulo é discutido as formas que Virginia Woolf dava aos espaços em sua experiência como escritora inglesa, por meio de outras obras da autora e com a contribuição das biografias escritas por Fusini (2009) e Lehmann (1989). Na sequência, para a segunda sessão, escolheu-se o título “Um caminho para o teto de Conceição”, no qual adentrarei o espaço físico segundo exposto na *escrevivência* de Conceição Evaristo. Nesse segundo capítulo, busco aprofundar o tema do espaço a partir da análise do romance *Becos da memória* e a escrita da autora, que acompanha o lugar de exceção da mulher negra na sociedade brasileira, tendo como referências entrevistas concedidas por Conceição Evaristo, contribuições de Constância Lima Duarte e Eduardo Assis Duarte, assim como a busca da temática abordada em outros trabalhos, sendo eles o de Oliveira (2009), intitulado “*Escrevivência em Becos da memória, de Conceição Evaristo*”; Farias (2019), em “*Espaço e subjetividade: entrelaçamentos entre sujeitos e favela em Becos da memória, de Conceição Evaristo*”; Araujo (2019), denominado “*Becos da memória, de Conceição Evaristo: uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil*” e a tese de doutorado de Evaristo (2011), intitulada “*Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*”.

Diante dessa ideia, proponho refletir, em dois capítulos, sobre a importância e a ressonância do espaço nas narrativas supracitadas, produzidas tanto por Virginia Woolf quanto por Conceição Evaristo.

4 DISCUSSÃO DA PESQUISA

De forma a trilhar um caminho para aproximar o texto de *Um teto todo seu*, da experiência literária de Conceição Evaristo, refletindo sobre o reconhecimento da categoria espaço na atividade de escrita, retomo Virginia Woolf, onde em uma passagem do livro a autora sustenta o seguinte: “Contanto que você escreva o que tiver vontade de escrever, isso é tudo o que importa; e se isso importará por eras ou por horas, ninguém pode afirmar” (WOOLF, 2014, p. 149). Presumo que na literatura de Conceição Evaristo permanece a sua vontade própria de escrita, sendo marcada pela tentativa da criação de um texto literário que revela a sua subjetividade. Mas “que efeito tem a pobreza sobre a ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte?” (WOOLF, 2014, p. 41).

Conceição Evaristo menciona que: “A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos” (EVARISTO, 2009). E Virginia Woolf diz “[...] não posso me concentrar. Sem um teto todo meu” (WOOLF, 2014, p. 185). Penso, então, que a espacialidade na qual estava inserida Conceição Evaristo, principalmente em sua juventude, era muito inferior ao fato de simplesmente não possuir um local específico para a concentração requerida pela atividade de escrita. As condições precárias de pobreza nas quais a autora e sua família viviam se mostram muito mais urgentes, pois partem de um lugar de sobrevivência. Dessa forma, o teto não abrange somente uma sala, um quarto, uma peça, mas todo o lar, que perpassa a convivência amontoadas de seus moradores, que, por sua vez, buscam atenuar seus sofrimentos e utilizam a palavra como meio momentâneo de esquecimento da realidade da vida:

[...] Eu menina, dona de uma tenaz esperança e de uma sabedoria precoce, reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que nos era oferecido. Se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis. [...] ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero... (EVARISTO, 2009).

Dessa forma, considero válido destacar que Conceição Evaristo, mesmo na contemporaneidade, ainda não possui a escrita em primeiro lugar na sua vida, pois a luta pelo cotidiano, nas palavras da autora, não a deixa ser tão disciplinada quanto gostaria. Tal condição, para ela, causa uma certa angústia, que é marcada por não ter a atividade da escrita como a sua primeira obrigação. Apesar de todas as dificuldades existentes na trajetória de Conceição Evaristo, a sua afinidade com a literatura começou desde jovem: “[...] não nasci rodeada de

livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia” (EVARISTO, 2009). O mundo da leitura, o da palavra escrita, também foi apresentado a ela no interior da sua família, que mesmo sendo constituída por pessoas semialfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Reflito que esse contexto de convivência foi fundamental para que Conceição desenvolvesse o seu vínculo e a sua afeição pelas palavras:

Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papeis, passei a ler para todos (EVARISTO, 2009).

Retomando a relação do espaço com Virginia Woolf, no século passado, considero que essa problemática dizia muito sobre o momento em que o mundo se encontrava em relação às desigualdades de gênero, ainda extremamente arraigadas. A autora vivia em uma Inglaterra marcada pela era vitoriana, onde o requinte e a rigidez dos princípios moralistas eram as principais condições impostas às mulheres. “Virginia nunca se conformou com o fato de que ela, como mulher, tivesse que aprender de uma maneira um tanto restrita, em casa, enquanto seu irmão Thoby, por ser homem, gozava de todas as vantagens de uma custosa educação, em Cambridge” (LEHMANN, 1989, p. 8). Apesar desse cerceamento da liberdade feminina, Virginia Woolf possuía privilégios evidentes que a permitiam acesso à leitura, tendo a biblioteca do seu pai ao seu alcance e condições financeiras favoráveis. Vale destacar que “o cânone literário – uma coleção de trabalhos cuja qualidade foi considerada, de comum acordo, excepcional, – era formado quase que inteiramente por trabalhos familiares da literatura europeia ocidental” (CANTON et al, 2016, p. 12). O cânone vem sendo revisto e evoluído a cada nova geração, de modo a “criticar a autoridade dessas listas de trabalhos de ‘europeus brancos e mortos’” (CANTON et al, 2016, p. 12).

No capítulo 2 de *Um teto todo seu*, Virginia Woolf reflete: “[...] daqui a cem anos, pensei ao chegar à soleira da minha porta, as mulheres não mais serão o sexo protegido. É lógico que elas farão parte de todas as atividades e dos esforços que um dia lhes foram negados” (WOOLF, 2014, p. 60). Esse vislumbre que Virginia fez do futuro se solidificou ao longo dos anos e as conquistas femininas são muitas, em grande parte do mundo. Por sua vez, cem anos depois, Conceição Evaristo crescia marcada pela condição de menina negra em um país desigual como o Brasil. “Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha

morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo” (EVARISTO, 2009).

A obra *Becos da memória* foi publicada somente 20 anos depois de ter sido escrita, após o romance *Ponciá Vicêncio* vir a público. Conceição conta que “o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido. Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que eu e minha família tínhamos vivido, um dia” (EVARISTO, 2017, p. 10). No livro *Um esboço do passado*, onde Virginia Woolf escreveu suas memórias, a autora fala: “[...] minha memória deve suprir o que esqueci, de modo que é como se as coisas estivessem acontecendo independente de mim, quando na verdade é eu que as estou fazendo acontecer” (WOOLF, 2020, p. 19). Nesse sentido, o espaço me parece um elemento ativo das narrativas que evidenciam a memória como componente constituinte da escrita.

De acordo com Pereira (2016), “a produção literária de autoria feminina afro-brasileira evidencia a compreensão de que um dos passos para a implementação de novas políticas de inserção da mulher negra na sociedade brasileira é constituído pela elaboração e divulgação de imagens e discursos” (PEREIRA, 2016, p. 221). Conceição Evaristo comenta que tudo aquilo que busca a saída do negro da subalternidade é difícil, de modo que ser escritora e se colocar como escritora é ainda mais. Assim, considerando a falta de espaço físico uma questão relevante para ser analisada, a autora promove a partir da *escrevivência* um meio de ressignificar a vida amontoada nos becos, redefinindo o lugar no qual as mulheres negras comumente ocupam na sociedade brasileira, rompendo barreiras próprias e coletivas, pois “o protagonismo feminino afro-brasileiro em Conceição Evaristo representa não somente um ser feminino, nem apenas um ser negro no Brasil, mas um ser feminino afro-brasileiro, dotado de especificidades étnico-raciais, de gênero e de classe social” (PEREIRA, 2015, p. 1).

Portanto, concordando com Farias (2019), o espaço “propicia um conjunto de atuações para a consolidação das relações que se estabelecem entre os sujeitos que ali vivem, representados por suas histórias” (FARIAS, 2019, p. 26). E as histórias de Conceição Evaristo mostram o que essa escritora nos narra: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou retornar à herança de Virginia Woolf para pensar sobre o reconhecimento da categoria espaço e refletir sobre o espaço de escrita na proposta de Conceição Evaristo, reconhecendo a herança conceitual de suas *escrevivências*. Para esse percurso, recorri aos depoimentos da autora como fonte de elucidação sobre sua vida e o caminho trilhado para se tornar escritora no Brasil.

Diante disso, essa análise possibilitou vasculhar o impacto do espaço na construção de uma literatura afro-brasileira de autoria feminina, com destaque para o primeiro romance de Conceição Evaristo, *Becos da memória*. Após buscar diversas impressões apontadas pela autora para a construção desta pesquisa, penso que muito do que Conceição Evaristo nos oferece em seus escritos pode ser relacionado com a ideia de espaço no qual Virginia Woolf falava anteriormente em *Um teto todo seu*, no sentido de que o espaço físico é um fator determinante para o exercício da escrita. Muitas vezes, as demais tarefas incumbidas à mulher acabam por reduzir o tempo para escrever, cabendo a ela dedicar-se a essa atividade somente quando possível.

É evidente que nos tempos de hoje vivemos em uma sociedade mais livre, com a literatura de autoria feminina em ascensão, possibilitando às mulheres liberdade para escrever sobre diversos temas e o poder de decidir como a escrita fará parte de suas vidas. Entretanto, devido às diferenças étnicas existentes entre as duas autoras escolhidas para este trabalho, se faz necessário mencionar o fato de Conceição Evaristo ter vivido ainda atualmente a segregação, o que a impediu de ser reconhecida em outras épocas, visto que a literatura afro-brasileira se encontra ainda em um lugar reduzido no cenário literário. Há percalços e impedimentos de escrita que envolvem desde a condição do teto como uma necessidade, devido às condições subalternas de moradia, bem como o teto como privilégio, visto que na ausência do espaço básico, é difícil buscar o espaço ideal. E ainda há um imaginário que se tem em relação à mulher negra, no qual é permitido colocá-la em diversos lugares estereotipados, menos em uma posição de produtora do saber.

O fato de Conceição Evaristo ter conquistado a educação formal, chegando ao doutorado e hoje ser uma escritora reconhecida e respeitada é uma exceção dentre as restritas possibilidades de ascensão para negros historicamente no Brasil. Assim, a literatura se apresenta como um recurso emancipatório. Dessa maneira, considero que atualmente a possibilidade de leitura de autoras negras vem sendo oportunizada – ainda que lentamente – e como consequência disso abre-se um caminho para uma maior valorização da literatura afro

brasileira.

Após esse estudo, suponho que, na literatura de Conceição Evaristo, o espaço físico deixa rastros que são identificados por meio da *escrevivência*, que, nesse sentido, pode ser apresentada como um lugar que engloba a ancestralidade, memórias, crenças e costumes. O espaço físico que Conceição Evaristo dispunha em sua vida foi marcado por limitações e dificuldades que precisavam ser constantemente superadas, e, nessa luta diária contra a subalternidade, a autora ganhava repertório para construir a sua *escrevivência*, que se manifesta no romance *Becos da memória*, principalmente através da personagem Maria-Nova.

Na esteira do que foi articulado a partir dos cruzamentos possíveis entre Evaristo, justamente pelo fato do espaço se apresentar de forma vital na trajetória da autora, penso que, nessa perspectiva, a escolha de Conceição Evaristo para a pesquisa deste trabalho se mostra relevante, pois traz a possibilidade de abordar o assunto do espaço para além da margem exposta por Virginia Woolf, de forma a ultrapassar os anos e manter a temática em panorama. Portanto, ousar pesquisar e aproximar as escritas de duas autoras de épocas, geografia e origens distintas, me parece importante para construir uma reflexão de forma a abrir fronteiras estreitas e que nem sempre estiveram evidentes na literatura. O espaço de escrita se mostra um assunto em comum, porém com diferenças consideráveis, dependendo das escolhas dos autores a serem abordados. Defendo que isso possibilita ainda um leque de estudos futuros sobre as relações de espacialidade com o exercício da escrita.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, a redação passou por diferentes fases, na qual a maneira que o espaço e o ambiente se apresentavam foram cruciais e ditaram o ritmo de escrita, levando em conta também o processo de isolamento social no qual vivemos. Pessoalmente, pude sentir as nuances que o espaço de escrita proporciona para quem escreve, algo que não havia problematizado antes. Por fim, realizar este trabalho de conclusão de curso me traz satisfação, não só pela bagagem de conhecimento experienciada, mas também por conseguir contribuir com um estudo inicial que aproximou duas escritoras talvez pouco prováveis de se conectarem: Virginia Woolf e Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliza de Souza Silva. **Becos da memória, de Conceição Evaristo: uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil**. Letras & Ideias, v. 3, n. 1, p. 13-29, 25 jul. 2019.

BBC NEWS. **É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

BRASIL DE FATO. **Conceição Evaristo: "Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos"**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

CANTON, James et al. **O Livro da Literatura**. Tradução: Camile Mendrot et al. 1.ed. São Paulo: Globo, 2016.

COELHO, Nelly. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea**. In: DALCASTAGNÈ, Regina; VASCONCELOS, Virgínia M. (Org.). Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015, p. 41-55.

DUARTE, Constância Lima. **Catálogo As Mensageiras: primeiras escritoras do Brasil**. Brasília: 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. In: Literafro, o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricosconceituais/ArtigoConstanciaLge_neroevolencia.pdf. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

DUARTE, Eduardo. **Caderno de resumos do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura**. André Tessaro Pelinser et al. (Org.). Caxias do Sul, RS: Educs, 2015.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Na cartografia do romance afro-brasileiro: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves**. In: TORNQUIST, Carmen. S. et al. (Org.). Leituras da resistência: corpo, violência e poder. V. I. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 325-348.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Poemas malungos: cânticos irmãos**. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói: 2011.

FARIAS, Ariane Avila Neto de. **Espaço e subjetividade: entrelaçamentos entre sujeitos e favela em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Programa de pós-graduação comunicação, linguagem e cultura. Universidade da Amazônia (UNAMA): nº 1, 2019.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Becos da memória. Posfácio: Costurando uma colcha de memórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FUSINI, Nádia. **Sou dona da minha alma: o segredo de Virginia Woolf**. Tradução: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LEHMANN, John. **Vidas Literárias. Virginia Woolf**. Tradução: Isabel do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

LITERAFRO, **O portal da literatura afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

MORAIS, Hugo Belarmino. **Um teto todo seu, de Virgínia Woolf. A produção intelectual e as condições materiais das mulheres**. In: Jus.com.br. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/18451/um-teto-todo-seu-de-virginia-woolf>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, Graziela de. **A Importância da Habitação na Saúde e na Reprodução do Trabalhador (Brasileiro)**. Revista de Ciências Humanas, v. 2, nº 3, p. 52-58, 1982.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **"Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009.

OLSON, David R. **Cultura Escrita e Oralidade**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

PACHECO, Juliana. **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **A perspectiva feminina afro-brasileira em "Beijo na face", de Conceição Evaristo**. 14ª Mostra da Produção Universitária (MPU). Universidade Federal do Rio Grande: 2015.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (Contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras, História da Literatura. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande do Sul: 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia e Política, v. 18. Curitiba: 2010.

PIRES, Ramira Maria da Silva. **O romance britânico do século XX**. Itinerários, nº 8. Araraquara: 1995.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVEIRA, Raquel Mariane da. **Entre o eco e a ressonância: Vozes femininas em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Revista Crioula, n. 23, p. 100-120, 2019.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Becos da memória. Posfácio: A força das palavras, da memória e da narrativa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Raído, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WOOLF, Virginia. **A arte do romance**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017.

WOOLF, Virginia. **O sol e o peixe**. Seleção e tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

WOOLF, Virginia. **O valor do riso**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WOOLF, Virginia. **Um esboço do passado**. Tradução: Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Noz, 2020.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Souza, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

YOUTUBE. **Becos da memória – Ocupação Conceição Evaristo**. In: Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DEVLDHaRtQ>. Acesso em: 18 de março de 2021.

YOUTUBE. **Conceição Evaristo / Escrivência**. In: Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 8 de abril de 2021.

YOUTUBE. **Conceição Evaristo – Flip (2016) – Parte 1/5**. In: Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

YOUTUBE. **O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo (2017)**. In: Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

YOUTUBE. **Texto e contexto – Ocupação Conceição Evaristo 2017**. In: Constancia Duarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FdOlgr028II>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.